

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – MARIA, Elizabeth; ARAGÃO, Andrade Kátia Souza. Crianças e adolescentes acolhidos: histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas. Revista Epos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, Jul/Dez, 2013.

2) Resumo e Palavras-Chave – O artigo trata de histórias de crianças e adolescentes abrigados em duas casas de acolhimento no município de Vitória-ES. Apresenta a situação de acolhimento sob o ponto de vista dos sujeitos acolhidos priorizando suas percepções sobre a própria condição, suas relações familiares e expectativas de futuro. Resgata a história da Infância e Juventude no Brasil atravessada pela doutrina do higienismo e pelo aparato médico-jurídico. Percorre a história da legislação infanto-juvenil brasileira, desde a criação do primeiro Código de Menores até a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Utiliza a História Oral como ferramenta metodológica. Analisa práticas hegemônicas que produzem subjetividades, construídas na lógica do capitalismo neoliberal, as quais culpabilizam e responsabilizam famílias, em geral pobres, consideradas incapazes de criar seus filhos dentro de um modelo burguês instituído. Pondera sobre discursos e práticas construídas nessas instituições de acolhimento que aprisionam a criança e o adolescente em construções subjetivas, as quais os estigmatizam e os caracterizam como inseguros – o que justificaria a sua necessidade de tutela. Explica que, apesar da fragilização dos vínculos familiares anteriores, o acolhimento não impede a formação de outras redes afetivas e a ressignificação de família, escola e do próprio futuro, criando outros modos de subjetivação.

Palavras-Chave: crianças e adolescentes; família; acolhimento; história oral.

3) Objetivo do estudo – Objetivamos, então, conhecer a história de vida de crianças e adolescentes que estavam abrigados no ano de 2011 em duas casas de acolhimento situadas no município de Vitória-ES, a partir de suas narrativas. Buscamos captar elementos que pudessem contribuir para a compreensão de suas formas de vida, seus modos de ser e estar no mundo, investigando como seus desejos, estranhamentos, tensões se engendravam no cotidiano, construindo, assim, suas singularidades. Nosso interesse está voltado para as narrativas daqueles que se encontram abrigados.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Entrevistas com crianças e adolescentes pertencentes à uma instituição de acolhimento. As entrevistas aconteceram de forma livre a fim de que os entrevistados ficassem mais à vontade para falar sobre suas experiências, seguindo um roteiro flexível de temas a serem abordados.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Escolhemos como forma de metodologia de pesquisa a História Oral, ou seja, a escuta de experiências de vida a partir do ponto de vista de adolescentes abrigados.

8) Resultados / dados produzidos – Podemos depreender que o abrigo é atravessado por inúmeras forças, e que, apesar da construção de subjetividades que despotencializam/vitimizam as crianças e adolescentes abrigados, há sempre espaços para invenção de outras formas de ser e de estar acolhido, formas que singularizam o sujeito. Nos encontros com crianças e adolescentes abrigados, conhecemos sujeitos que não vivem em constante sofrimento, pelo contrário, vivem muitos momentos felizes dentro das casas de acolhimento e conseguem criar planos e expectativas em relação ao futuro, mesmo que não tenham seus vínculos familiares restabelecidos.

9) Recomendações – É preciso produzir espaços em que a institucionalização de crianças e adolescentes não produza discursos e práticas que rotulem sujeitos como “problemáticos”, “anormais” ou “irregulares”, e que permitam a coexistência de diferenciações e singularizações, sem encaixar os sujeitos em modelos pre-estabelecidos.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.